

Hyeronima alchorneoides Allemão

(abacateiro, licurana, pau quina, quina vermelha, urucurana)

Família: Phyllanthaceae

Endêmica: não⁵

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa⁵

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O abacateiro é uma árvore recomendada para arborização urbana principalmente em função de sua copa, com folhas que assumem coloração avermelhada à medida que envelhecem. Sua madeira tem moderada resistência ao apodrecimento quando exposta à umidade e apresenta um bom acabamento depois de ser lixada. Por isso, é utilizada na construção civil, naval e em carpintaria. Também fornece material para dormentes de primeira qualidade.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (carrocerias, dormentes, esteios, mourões, poste, vagões, celulose e papel, caibros, ripas, vigas, canoa, carvão, lenha, carpintaria e marcenaria, móveis, tonéis), produtos não madeireiros (apícola, ornamental)^{6,2}

Características gerais

Porte: altura 10.0-40.0m DAP 50-100cm^{6,7,2}

Cor da floração: verde^{2,6}

Flores verdes, amareladas.

Velocidade de desenvolvimento: Moderada⁶

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua^{6,2}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Umbeliforme²

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto, Levemente tortuoso²

Superfície do tronco: Fissurada^{1,2}

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Drupa)⁷

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim²

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas¹⁶

Áreas encharcadas permanentemente e áreas com inundação temporária.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Clímax^{12,11,13,14,15}

Polinizadores: Abelhas.²

Período de floração: setembro a março⁷

Tipo de dispersão: Autocórica, Barocórica, Zoocórica^{10,2,11}

Agentes dispersores: Aves, inclusive tucanos.^{3,4}

Período de frutificação: dezembro a maio⁷

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{6,2}

Os frutos devem ser coletados maduros, quando apresentam coloração negra (CARVALHO, 2008). Após a colheita, os frutos devem ser deixados ao sol para secar a polpa succulenta. Os frutos assim obtidos podem ser diretamente utilizados para semeadura como se fossem sementes (LORENZI, 2002).

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento^{6,2}

As sementes devem ser postas a germinar logo que colhidas (LORENZI, 2002).

Produção de mudas: Canteiros^{6,2}

Recomenda-se efetuar a repicagem para recipientes individuais (sacos de polietileno com 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro, ou tubetes grandes) de 2 a 4 semanas após a germinação (CARVALHO, 2008). Transplantar as mudas para embalagens individuais quando alcançarem 4 a 6 cm.

Tempo de germinação: 20 a 30 dias^{2,6}

Taxa de germinação: 25 a 50%²

Número de sementes por peso: 70000/kg⁶

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{8,9}

Bibliografia

¹ HOELTGEBAUM, M. P.; QUEIRÓZ, M. H.; REIS, M. S. Relação entre bromélias epifíticas e forófitos em diferentes estádios sucessionais. *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, v. 64, p. 337-347, jun. 2013.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. v. 3, 593 p.

³ MANHÃES, M. A. Dieta de Traupíneos (Passeriformes, Emberizidae) no Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. *Iheringia, Série Zoologia*, Porto Alegre, v. 93, n. 1, p. 59-73, mar. 2003.

⁴ GALETTI, M.; LAPS, R.; PIZO, M. A. Frugivory by toucans (Ramphastidae) at two altitudes in the Atlantic Forest of Brazil. *Biotropica*, Washington, v. 32, n. 4b, p. 842-850, 2000.

⁵ SECCO, R.; CORDEIRO, I; MARTINS, E. R. Phyllanthaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 2 ago. 2013.

⁶ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁷ BAPTISTA, J. D.; CORDEIRO, I. Hieronyma. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; MELHEM, T. S.; GIULIETTI, A. M.; MARTINS, S. E. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Botânica, 2012. v. 7, p. 247-248.

⁸ BAIDER, C.; TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. O banco de sementes de um trecho de floresta atlântica montana (São Paulo, Brasil). *Revista Brasileira de Biologia*, São Carlos, v. 59, n. 2, p. 319-328, 1999.

⁹ BORGIO, M. A Floresta Atlântica do litoral norte do Paraná, Brasil: aspectos florísticos, estruturais e estoque de biomassa ao longo do processo sucessional. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

¹⁰ ZIPPARRO, V. B.; GUILHERME, F. A. G.; ALMEIDA-SCABRIA, R. J.; MORELLATO, L. P. C. Levantamento Florístico de Floresta Atlântica no Sul do Estado de São Paulo, Parque Estadual Intervales, Base Saibadela. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 5, n. 1, 2005.

¹¹ CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

¹² RAMOS, E.; TORRES, R. B.; VEIGA, R. F de. A.; JOLY, C. A. Estudo do componente arbóreo de dois trechos da floresta ombrófila densa submontana em Ubatuba (SP). *Biota Neotropica*, Campinas, v. 11, n. 2, abr./jun. 2011.

¹³ HIGUCHI, P.; REIS, M. G. F.; REIS, G. G.; PINHEIRO, A. L.; SILVA, C.T.; OLIVEIRA, C. H. R. Composição florística da regeneração natural de espécies arbóreas ao longo de oito anos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, em Viçosa, MG. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 893-904, 2006.

¹⁴ IVANAUSKAS, N. M.; RODRIGUES, R. R.; NAVE, A. G. Fitossociologia de um trecho de Floresta Estacional Semidecidual em Itatinga, São Paulo, Brasil. *Scientia Forestalis*, Piracicaba, n. 56, p. 83-99, dez. 1999.

¹⁵ ARAÚJO, F. S.; MARTINS, S. V.; MEIRA NETO, J. A. A.; LANI, J. L.; PIRES, I. E. Estrutura da vegetação arbustivo-arbórea colonizadora de uma área degradada por mineração de caulim, Brás Pires, MG. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 30, n. 1, p. 107-116, 2006.

¹⁶ MARTINS, S. V. *Recuperação de matas ciliares*. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.